

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DE NIETZSCHE À METAFÍSICA PLATÔNICA

DALILA MIRANDA MENEZES- Mestranda em Filosofia – UFC/ Bolsista da FUNCAP
dalila.filosofia@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar as críticas desenvolvidas por Nietzsche à metafísica platônica. O mote inicial de nossa investigação versará sobre a problematização da idéia de verdade, seguida da tentativa de reversão do platonismo através da afirmação da parcialidade do conhecimento metafísico, que compreende a existência como algo desvinculado dos sentidos, instintos e pulsões. Nietzsche traz a necessidade de pensarmos a vida como fruto dos processos corporais, resultado de várias relações de forças que se entrecruzam enquanto vontade de potência.

Palavras-chave: Nietzsche, Vida, Platão

Abstract: The objective of this article is present the criticals development for Nietzsche to the platonich methaphysics. The initial purpose of our investigacion will consist in transform the true's idea in a problem, following of the trial of platonich's reversion through the affirmation of the partiality of the methaphysical knowledge, that comprehend the existence as somewhat separate of the senses, instincts and pulses. Nietzsche bring the necessity of think the life how consequence of the corporals process, resulted of various relations of forces that intersect each other while will to power.

Keywords: Nietzsche, Life, Plato.

Nietzsche deixa clarividente em seus escritos que a sua filosofia não se constitui de teoremas abstratos, mas de questões vitais, sendo especialmente caracterizada pelas suas críticas devastadoras direcionadas aos edifícios e construções filosóficas que contemplam o conhecimento como algo desvinculado da vida. Vejamos o relato direto do filósofo acerca dessa questão:

Eu não sei o que significa uma verdade objetiva, todas as verdades são para mim verdades sangrentas. Eu sempre escrevi meus escritos com todo o meu corpo e vida. Não sei o que são problemas puramente espirituais. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também, tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo.¹

Para Nietzsche, as pesquisas filosóficas, desde o despertar da filosofia grega, estão direcionadas a um impulso fundamental da busca pela verdade a partir da tentativa de apreensão racional da estrutura ontológica subjacente à totalidade. O próprio surgimento da filosofia enquanto proposta reflexiva se constitui e se desenvolve afirmando a figura da verdade como questão central ineliminável das pesquisas dos primeiros sábios, verdade essa que pautará o curso das principais formulações filosóficas.

A busca da verdade, que foi conduzida pela tradição filosófica apoiada na racionalidade auto-afirmativa, é caracterizada por Nietzsche como uma vontade decadente, pois sobrepujar as forças instintivas e anular a multiplicidade de impulsos e afetos em prol de um instinto ilimitado de conhecimento é aniquilar a sensibilidade que compõe a vida. Segundo o pensamento nietzschiano, como veremos adiante, a ilusão de possuir a verdade, já presente desde Sócrates e Platão fez surgir o início da grande decadência.

É preciso não esquecer que a razão representa a grande conquista da reflexão socrática (na querela filosófica travada como os sofistas), e se constitui como o legado central assimilado por Platão. A razão representa simultaneamente o aparato ontológico-cognitivo capaz de ultrapassar o âmbito da experiência, portanto capaz de destituir a legitimidade de certeza daquilo que é vinculado a corporeidade, como também a única instância capaz de apreender a verdade. A tarefa precípua e ineliminável da razão é, por conseguinte, exatamente alcançar a verdade, e para isto ela deve inapelavelmente se desvencilhar das armadilhas sutis dos sentidos. É fundamental ressaltarmos que Nietzsche não se dedica a busca da verdade em si, mas às maneiras de produzir verdades, já que as

1 NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. P.12.

regras lógicas² não permitem o conhecimento da verdade tal qual a filosofia sempre procurou, pois são os afetos que falam nas perspectivas, cada pensamento, cada apreciação é sintoma dos instintos que ali se manifestam. A filosofia nietzschiana consiste na afirmação da parcialidade do conhecimento, há apenas um conhecer perspectivo, e quanto mais visões tivermos de algo, quanto mais afetos permitirmos falar sobre algo, tanto mais completa será a nossa visão sobre essa coisa. Segundo o filósofo alemão é imprescindível

[...] saber utilizar em prol do conhecimento a *diversidade* de perspectivas e interpretações afetivas [...] Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um conhecer perspectivo, e quanto mais afetos permitimos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso conceito dela³

De acordo com Nietzsche, os dogmáticos reduzem a pluralidade de perspectivas a um único discurso acerca da verdade. Ao contrário do dogmatismo, no perspectivismo a riqueza das interpretações está mais próxima da efetividade do que esses valores absolutos, inabaláveis que a crença dos metafísicos comporta. Estar atento à pluralidade de manifestações dos instintos torna-se algo importante para a filosofia. A análise nietzschiana investiga, portanto, acerca das condições daqueles que buscam a verdade, propondo assim uma problemática inteiramente nova, já que os filósofos desde os primórdios investigavam a verdade, porém sem problematizar a vontade de verdade, isto é, sem por sob suspeita os impulsos que intencionariam o homem a essa busca.

Neste sentido, se faz necessário avaliar o valor que a verdade tem para a vida, já que a verdade é uma invenção, uma construção e não um dado eterno e incondicionado, cabe situarmos o conhecimento em prol da afirmação e não como negação da existência e de tudo que esta suporta, os sentidos, os instintos, o corpo, e evitar a atitude dogmática dos filósofos metafísicos ao instituírem uma verdade desvinculada das questões vitais. Pois para Nietzsche:

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...* Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom – um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida. (...) Mesmo Sócrates estava farto.⁴

2 A verdade em si, não é acessível ao intelecto humano. O que Nietzsche defende é que a linguagem expressa apenas as relações das coisas com o homem e nada mais, o homem só pode dizer o que é a realidade e a verdade por meio de metáforas. Ele cita duas dessas metáforas: a primeira “[...] um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem!”, logo em seguida demonstra a outra metáfora “[...] A imagem, por sua vez, modelada em som!”. Essas duas metáforas mostram um processo de alteração do que é apreendido pelos sentidos numa busca de que o homem expresse o que conhece por meio da sensação. Diante dessas considerações, Nietzsche pretende demonstrar que o intelecto humano nada mais é que um instrumento útil à espécie. O conhecimento passa a ser encarado como uma atividade ligada à vida do animal biológico, que possui a necessidade de se conservar e sobreviver em sociedade, por isso necessita comunicar-se através do intelecto que possui como principal arma a dissimulação. Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2008.

3 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 109

4 NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das letras, 2006. P. 17

A filosofia nietzschiana pretende reverter esta situação, começando com a rejeição da verdade enquanto critério de seletividade, a vida é que deve configurar o novo sentido da existência, na medida em que a vida é o critério de avaliação que se impõe por si mesmo, e deve ser efetivada para o seu fortalecimento.

Nietzsche observa que a ascensão da razão enquanto única instância capaz de conhecimento e julgamento da vida, trouxe para a filosofia, graves conseqüências, a saber, a busca de uma verdade que se estabelece a partir da sobrevalorização do intelecto humano e do desprezo pelo sensível, corpóreo e terreno. A seu ver, foi Sócrates quem fez surgir o início da grande decadência que acabou por abater a civilização Ocidental. Vejamos o que Deleuze tem a dizer sobre essa questão

A degenerescência da filosofia aparece claramente com Sócrates. Se definimos a metafísica pela distinção de dois mundos, pela oposição da essência e da aparência, do verdadeiro e do falso, do inteligível e do sensível, é preciso dizer que Sócrates inventou a metafísica: ele faz da vida qualquer coisa que deva ser julgada, medida, limitada, e do pensamento, uma medida, um limite, que exerce em nome dos valores superiores – o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bom.⁵

Sob a ótica da crítica nietzschiana, a forma como a qual Sócrates interpreta e se relaciona com a vida, através da valorização unilateral da razão, não abre possibilidades para as manifestações instintivas. A existência, a partir de Sócrates, passa a ser configurada como expressão de uma estrutura puramente racional que controla repressivamente os instintos, por conseguinte, levando à sua negação. Trazendo assim, para o interior da filosofia uma aversão aos impulsos afirmativos da vida.

Por esta via, o homem teórico simbolizado por Sócrates acredita alcançar a verdade mais íntima das coisas. Verdade essa, denunciada por Nietzsche como mera ficção, como pseudo-verdade. E, por conseguinte, justamente o homem devotado exclusiva e unicamente na busca da verdade, em prol do conhecimento, passa a desconhecer a si mesmo⁶. Observemos a apreciação de Giacóia:

O problema consiste em que justamente o homem devotado ao conhecimento deve permanecer, por curiosa ironia, necessariamente ignorante de si mesmo. Na medida em que todo ardor de sua paixão é consagrado à contribuição que este pode trazer ao conhecimento, o sábio tem de se esquecer de si em seu devotamento incondicional à busca da sabedoria. (...) Assim, enquanto somos arrebatados pela missão de encontrar a verdade, permanecemos alheios a nós mesmos. Cegos e surdos às nossas vivências (...)⁷

5 DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 1965. P. 19.

6 Vejamos o relato direto de Nietzsche acerca desta questão: “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”. Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. (...) Quanto ao mais da vida, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos nosso coração – para elas não temos nossos ouvidos. Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos (...)” Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7.

7 GIACÓIA, Oswaldo. *Nietzsche e para a genealogia da moral*. São Paulo: Scipione, 2001. P.16.

Ao se condenar a busca do conhecer, Sócrates cria a partir de sua filosofia uma verdade da vida que não passa de uma ignorância de seus próprios estados internos. Para Nietzsche, o filósofo não interpreta a vida, mas sim o impulso que o faz valorar a vida desta ou de outra maneira.⁸

E como discípulo fiel de Sócrates, Platão absorve toda essa confiança na onipotência da razão. Para Nietzsche “[...] o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi um erro de dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do bem em si”⁹ que desaguará na instauração de tantas outras filosofias presentes na moderna consciência filosófica. Platão instaurou o modo de pensar da metafísica clássica estabelecendo a oposição de valores, a partir da compreensão dual constitutiva da estrutura ontológica do mundo: por um lado existe a realidade empírico-sensível relativa à ordem mundana, apreendida pelo aparato sensível, e delimitada por Platão, como campo da aparência, do erro e da dimensão corpórea; por outro existe uma estrutura inteligível subjacente a toda realidade sensível e só disponível ao aparato intelectual-especulativo, reino das denominadas “idéias puras”, essências últimas que a filosofia deve como tarefa explicitar a partir da investigação dialética.

Isto significa, no interior da compreensão nietzschiana, que Platão estabeleceu uma negação à vida, a partir de um dualismo radical, no momento em que legitima a oposição entre essência e aparência, verdade e falsidade, permanente e transitório, espírito e corpo, privilegiando toda aproximação abstrato-intelectiva reconhecendo-a como referencial inabalável da verdade, e menosprezando toda dimensão corpóreo-sensível como fonte primária do erro. Para Nietzsche, essas múltiplas oposições e suas correspondentes componentes valorativas acabam por transformar a vida em uma cópia imperfeita de um mundo inteligível do Bem em si.

De fato, para a filosofia platônica, tomando-a segundo o relato do próprio mestre grego, as formas puras ou idéias, têm sua origem na idéia de Bem, que é a causa originária de todas as coisas. As formas puras são inacessíveis aos sentidos, no qual recebem a denominação de realidade inteligível em contraposição à realidade sensível. O mundo sensível é considerado por Platão, como uma superfície da realidade que se mostra deficitária, no sentido de que é enganosa e não passa de mera aparência ou imitação das formas puras, que são os modelos autênticos por excelência dos quais toda a realidade sensível constitui uma cópia inevitavelmente defeituosa e corruptível, sendo justamente neste mundo de ilusões e aparências que pertence a nossa existência terrena, portanto corporal. Platão afirma no Fédon que para se chegar à verdade se faz necessário o seguinte procedimento:

[...] examinar as coisas apenas com o pensamento, sem pretender aumentar sua

8 Segundo Nietzsche: “Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas – em si tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que *o valor da vida não pode ser estimado*. Não por um vivente, pois ele é parte interessada, até mesmo objeto da disputa, e não um juiz; e não por um morto, por um outro motivo. – Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema e até mesmo uma objeção contra ele, uma interrogação quanto à sua sabedoria, uma não sabedoria. – Como? Todos esses grandes sábios não teriam sido apenas *decadents*, não teriam sido nem mesmo sábios?” NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P. 18.

9 NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005. P.8

meditação com a vista, nem sustentar seu raciocínio por nenhum outro sentido corporal, aquele que se servir do pensamento sem nenhuma mistura procurará encontrar a essência pura e verdadeira sem o auxílio dos olhos ou dos ouvidos e, por assim dizê-lo, completamente isolado do corpo, que apenas turba a alma e impede que encontre a verdade.¹⁰

E mais adiante, Platão segue seu raciocínio afirmando:

Está demonstrado, que se desejamos saber realmente alguma coisa, é preciso que abandonemos o corpo e que apenas a alma examine os objetos que quer conhecer. Só então, gozaremos da sabedoria de que estamos enamorados, isto é, depois de nossa morte e de modo algum durante a vida. E a própria razão o afirma, uma vez que é impossível conhecer alguma coisa de modo puro, enquanto temos corpo, é preciso que não se conheça a verdade ou então que se a conheça depois da morte, uma vez que então a alma se pertencerá livre deste fardo, e não antes. Enquanto estivermos nesta vida não nos aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo [...]¹¹

Nas passagens recém transcritas, podemos inferir o apontamento de uma categoria fundamental no aparato reflexivo da metafísica platônica, como sendo aquilo que constitui a verdadeira essência humana, quer seja, a idéia de “alma” como aquilo que a um só tempo converge o centro da inteligência pura e a característica de determinação fundamental do humano. A “alma”, para Platão, estaria neste mundo como uma prisioneira dos nossos sentidos, e conseqüentemente deve se libertar do cárcere do corpo que a induz aos erros e ilusões, pois os sentidos nos afastam de nossa alma racional, nos levando ao mundo do erro, nos desviando daquilo que consistiria a nossa verdadeira destinação, quer seja a contemplação da verdade, já que todo conhecimento verdadeiro seria apreendido a partir da reminiscência, ou seja, somente a partir da recordação anterior ao aprisionamento da alma ao corpo e ao mundo terrestre, é possível contemplar o verdadeiro mundo das idéias que ofertará sustentação ao conhecimento.

O que Nietzsche percebe é que a partir do legado metafísico socrático-platônico, a filosofia assume a busca pela verdade fundada no supra-sensível, e o conseqüente desprezo pelo corpo, como fio condutor de suas investigações, assumindo-os como procedimento referencial das várias vertentes metafísicas e legitimando o dualismo presente nas idéias de essência e aparência. É neste sentido que Oswaldo Giacóia nos esclarece: “Nietzsche sustenta que essa figura da verdade se encontra na raiz de toda metafísica dogmática: a despeito de suas distintas modalizações nos diferentes sistemas [...]”¹²

A filosofia para Nietzsche, portanto, se constituiu desde seu berço grego, numa recusa do corpo, dos sentidos e do erro, e com estes pressupostos imaginava conhecer e alcançar a verdade. Mas, a filosofia tradicional ao descartar como falso o que há de corpóreo na constituição humana, tendo como critério único de avaliação a verdade, é equivocada e precisa ser subvertida.

Nietzsche inicia o prefácio de *Além do Bem e do Mal*, tomando como mote de sua

10 PLATÃO. Fédon. In: *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 127.

11 PLATÃO. Fédon. In: *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 128.

12 GIACÓIA. Oswaldo. Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração. In: *Dossiê Cult*, por MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan (org.) São Paulo: Editora 17, 2003. p. 11.

investigação sobre a verdade uma figura metafórica, fazendo uma alusão à identificação entre verdade e feminilidade. Iniciemos a explicitação desta problemática a partir do testemunho direto do filósofo “Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres?”¹³

Essa subversão dos pilares tradicionais da metafísica, inicialmente proposta pela metáfora de Nietzsche, quando é sugerida uma identificação entre a idéia de verdade e a imagem de feminilidade, ridiculariza a aspiração dogmática à verdade e à seriedade na qual os filósofos desde sempre reivindicaram como próprios do seu procedimento reflexivo: com sua demasiada circunspecção e apego inabalável às postulações especulativas metafísicas, os filósofos nunca conseguiram se aproximar e conquistar uma mulher (a verdade). Nas palavras do filósofo alemão: “De que a terrível seriedade, a desajeitada insistência com que até agora se aproximaram da verdade foram meios inábeis para conquistar uma dama? É certo que ela não se deixou conquistar [...]”¹⁴

Enquanto homens que agem de modo insistente e ridiculamente sério, jamais entenderam as mulheres, de forma similar ocorre com o procedimento filosófico diante da verdade. Ao construírem seus grandes sistemas teóricos, os dogmáticos nada mais conseguiram além do mero aprisionamento da verdade em seus imponentes constructos metafísicos, completamente distanciados de uma sedução pautada no vigor da corporeidade, da fantasia, do desejo, portanto, incapazes de conquistar a cobiçada dama. Pois, como nos diz Giacóia, conceber a verdade assim como o fez Platão e os metafísicos “implica colocar a verdade de cabeça para baixo, inverter seu sentido, transformá-la em seu avesso. E justamente o caminho para essa tese é argumentativamente pavimentado pela metáfora da verdade como mulher”¹⁵

É necessário trazer a verdade ao seu posto, inverter a sua posição, cabe considerarmos a possibilidade da verdade estar justamente ao lado do feminino, no fluxo da aparência, do disfarce, da fantasia, da sedução. Pois, o avesso da verdade dos metafísicos seria justamente a valorização positiva das ilusões, da sensualidade, das paixões, do corpo, dos desejos, ou seja, a valorização de tudo aquilo que está associado ao mundo sensível. Torna-se nítida, assim, a impossibilidade dos metafísicos conquistarem a verdade, já que a verdade é justamente o oposto do que eles buscam, a verdade estaria sempre no inverso do que eles procuram.

De acordo com Nietzsche, a causa de falsificação do testemunho dos sentidos em prol de uma fundamentação racional da totalidade se dá pela necessidade de segurança e de consolo psicológico que o homem necessita para poder viver e, portanto conservar-se num mundo do caos, das transformações incessantes. E para que esta crença fictícia na estabilidade possa se firmar psicologicamente, o homem se utiliza do esquecimento de que a verdade não passa de uma criação humana em busca de um subterfúgio e de um consolo para a existência.

Diante de tais circunstâncias, Nietzsche considera que, se o homem carece de um consolo

13 NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005. p.7.

14 Id, Ibid. p.7.

15 GIACÓIA, Oswaldo. Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração. In: *Dossiê Cult*, por MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan (org.) São Paulo: Editora 17, 2003. p. 11.

que lhe confira um sentido para a existência, ele não precisaria buscar esse consolo em um mundo transcendente, na repressão dos instintos e negligenciando o aqui e agora¹⁶.

Nesse sentido, o que realmente interessa na avaliação de um juízo não é a apreciação de verdade ou falsidade que este comporta¹⁷, mas sim em que medida esse juízo dá impulso à vida, pois é necessário usar o conhecimento para a potencialização afirmativa da vida¹⁸ e não para o controle e negação da existência. Assim, cabe avaliarmos o valor que os conhecimentos têm para a vida¹⁹ e questionarmos: quais instintos estão por trás desses juízos de verdade? Tais juízos são afirmadores ou negadores da vida? Promovem a ascensão ou decadência em termos de força e plenitude? O que ocorre, para Nietzsche, é uma inversão por parte dos filósofos ante as determinações afirmadoras da vida, de tal modo que postulam uma verdade na qual a impotência para com a vida seria o parâmetro universal de conduta, criando filosofias que situam a realidade como algo desvinculado dos sentidos, instintos, paixões e pulsões. É o afeto do ressentimento que se encontra por trás de tais valorações, pois “a história da filosofia é uma sanha secreta contra os pressupostos da vida, contra os sentimentos de valor da vida, contra o tomar partido a favor da vida.”²⁰ Para efetuar uma reversão do platonismo²¹,

16 De acordo com Nietzsche “ (...) Porque você não quer enganar? Sobretudo quando parecesse – e parece que a vida é composta de aparência, quero dizer, de erro, embuste, simulação, cegamento e autocegamento, e quando a forma grande da vida, por outro lado, sempre se mostrou realmente do lado dos mais inescrupulosos [homens de muitos expedientes. Um tal desígnio talvez fosse, interpretando-o de um modo gentil, um quixotismo, um ligeiro e exaltado desvario; mas também poderia ser algo pior, isto é, um princípio destruidor, inimigo da vida ... “Vontade de verdade”- poderia ser uma oculta vontade de morte. NIETZSCHE. Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. P.236.

17 Segundo Nietzsche, “a falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida [...]” Cf. NIETZSCHE. Friedrich. *Além do bem e do Mal*. São Paulo: Companhia de bolso, 2005. p. 11.

18 Utilizamos o termo “potencialidades afirmativas da vida” para expressar algo bem típico do pensamento nietzschiano, a saber: a afirmação dos instintos, pulsões e afetos que se dá no fluir crescente das forças a partir de sua expansão e crescimento. Quando uma força é afastada do que ela pode é caracterizada como uma vontade reativa, pois como a força implica expansão, quando barrada por resistências, ela (a força) deixa de agir e reage volta contra si mesma.

19 É no âmbito destas determinações valorativas da verdade que Nietzsche lança os seguintes questionamentos: os juízos de valor criados pelo homem “obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento e degeneração da vida? Ou, ao contrário, revelar-se-ia neles a plenitude, a força, a vontade de vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro?” NIETZSCHE. Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 9

20 NIETZSCHE. Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p. 248.

21 Contra a interpretação heideggeriana de que Nietzsche apenas inverteu o legado platônico, substituindo uma essência transcendente por uma essência terrena através da valorização do corpo que é afirmado por meio da vontade de potência, é necessário ressaltar que ao interpretar o corpo sob a perspectiva das forças, Nietzsche ultrapassa tanto o idealismo quanto o materialismo na reformulação do corpo como fio condutor, na medida em que não estamos diante de uma mera inversão da dicotomia corpo e alma, posto que o filósofo preserva a existência dos dois pólos, embora redimensionando o corpo enquanto grande razão e como ponto de partida, e ainda resguardando a consciência como pequena razão e como instrumento dos processos corporais. É necessário ressaltar que a crítica nietzschiana se direciona não somente às substâncias espirituais centrada nas categorias “alma”, “cogito” e “Deus” como também às substâncias de cunho materialistas, como o átomo. A reversão por ele proposta, não apenas inverte o primado “alma x matéria”, mas abole qualquer que seja as bases metafísicas que estejam subjacentes aos valores, quer sejam espirituais ou materiais. Pois, segundo a perspectiva de Nietzsche, não há substratos substanciais, o próprio corpo nada mais é do que configurações de força em constante devir. Não sendo possível então, postular a existência de um substrato espiritual ou material nem de qualquer outra substância estável, pois não há nenhum tipo de entidade fixa no fluxo vital do devir. Assim, quando afirma o homem enquanto corpo, não o define pela materialidade, mas pela pluralidade e diversidade de manifestações, afetos, impulsos e instintos.

Nietzsche propõe uma superação dos valores decadentes em prol da afirmação da força e plenitude da vida. Trazendo o conhecimento para a transitoriedade, para o âmbito do sensível e corpóreo, enfatizando que é possível ao homem uma compreensão perspectiva de si e do mundo, mas destaca que essa compreensão, de modo algum desvela a verdadeira realidade das coisas.

Nietzsche apresenta uma filosofia afirmativa que se pauta na criação de novos valores. O novo horizonte em que a filosofia nietzschiana nos direciona acompanha a fluidez e a causalidade do mundo terreno. O corpo é afirmado como o grande centro para a compreensão da existência enquanto pluralidade de forças instintivas em constante movimento de ascensão, sendo, por conseguinte, o núcleo central de atuação dessas forças.

As forças se caracterizam pela diversidade e pela multiplicidade de suas configurações. A noção do complexo de forças como constituidora da existência vai aniquilar a noção metafísica de uma verdade, separada dos instintos, na medida em que, a existência se forma por composição e afetos num constante vir a ser, no qual o corpo como grande razão torna possível a manifestação dos afetos em vontades múltiplas através das transformações.

Portanto, com a reinterpretação do corpo, isto é, ao reestruturar os valores sob a forma afirmativa do corpo como fio condutor do conhecimento, a filosofia nietzschiana traz ao homem a possibilidade de atuar no mundo como ser em devir, em transformação, de decidir a sua existência, aniquilando os valores que impedem a vida edificada numa configuração que a impulsiona no desafio de se constituir fecunda, desafiadora e artisticamente afirmativa.

REFERÊNCIAS

- BARRENECHEA. Miguel Angel de. Nietzsche e o corpo: para além do materialismo e do idealismo. IN: *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*, por LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (org). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.
- DELEUZE. Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1965.
- GIACÓIA. Oswaldo. Nietzsche: perspectivismo, genealogia, transvaloração. In: *Dossiê Cult*, por MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan (org.) São Paulo: Editora 17, 2003.
- _____. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. *Nietzsche e para além de bem e mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MACHADO. Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: editora brasiliense, 1996.
- NIETZSCHE. Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- _____. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira e Francisco José Dias. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- NIETZSCHE. Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- _____. *Sobre verdade e mentira*. Tradução de Fernando Ribeiro de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2009.
- PLATÃO. Fédon. In: *Diálogos: Fédon, Sofista, Político*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.